

SER E NÃO SER, EIS A QUESTÃO: A CRÍTICA DE GÓRGIAS A PARMÊNIDES

Maria Aparecida de Paiva Montenegro¹
Hedgar Lopes Castro²

Resumo:

No presente ensaio damos continuidade ao artigo “A lógica do Ser de Parmênides: entre a poesia e a Filosofia”, em vias de publicação pela *Argumentos* (revista do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Ceará). Agora pretendemos mostrar que a crítica de Górgias a Parmênides reside na diferença da concepção de ambos a respeito do ser: enquanto o eleata supõe o ser como identificado ao pensar e ao dizer, Górgias o entende como aquilo que nos afeta a partir das coisas que subsistem. Com isto, promove uma inversão dos enunciados centrais do Poema de Parmênides, afirmando que: 1) Nada existe; 2) Se existisse não poderia ser conhecido; 3) Se pudesse ser conhecido não poderia ser comunicado. Tentaremos mostrar que, além de pôr em xeque o projeto essencialista de Parmênides, inaugurando assim a vertente antiessencialista da filosofia, inverte também o movimento do pensamento do eleata: enquanto este se vale do estilo poético para estabelecer as regras lógicas da investigação filosófica, Górgias parte de uma reflexão lógico-filosófica para romper a identidade Φύσις-λόγος, retomando outra postura poética: a visão trágica, segundo a qual aos mortais não é dado conhecer nem controlar os acontecimentos.

Palavras-chave: Górgias. Parmênides. Ser. Não-Ser.

TO BE AND NOT TO BE, THAT IS THE QUESTION: GORGIAS' CRITICISM OF PARMENIDES

164

Abstract:

The present essay is a sequence of the article “The logic of Parmenides' Being: between Poetry and Philosophy”, about to be published by *Argumentos* (Journal of the Philosophy Graduate Studies of Federal University of Ceará). Now we intend to argue that Gorgias' criticism of Parmenides resides in the difference in their conception of being: while the Eleatic supposes Being as the same as thinking and saying, Gorgias understands it as that which affects us from the things that subsist. Therefore, he promotes an inversion of the central statements of Parmenides' Poem, stating that: 1) Nothing exists; 2) If it existed it could not be known; 3) If it could be known it could not be communicated. We also intend to show that, in addition to calling Parmenides' essentialist project into question, thus inaugurating an anti-essentialist approach of philosophy, it also inverts the movement of the Eleatic's thought: while he uses the poetic style to establish the logical rules of philosophical thought, Gorgias departs from a logical-philosophical reflection to break the Φύσις-λόγος identity, resuming another poetic style: the tragic one, according to which mortals are not given to know or control events.

Keywords: Gorgias. Parmênides. Being. Not-Being.

¹ Professora do Curso de Filosofia da Universidade Federal do Ceará – UFC. E-mail: mariamontenegro@ufc.br. ORCID: 0000-0002-5474-7113.

² Doutorando do Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal do Ceará – UFC. E-mail: hedgarrrr@gmail.com. ORCID: 0000-0002-6964-7764.

Introdução

O presente artigo pretende explicitar a crítica de Górgias à tradição segundo a qual φύσις e λόγος mantêm uma relação de identidade e com a qual Parmênides está alinhado.³ Em seu Tratado, Περὶ τοῦ μὴ ὄντος,⁴ Górgias conduz as teses do eleatismo ao absurdo, mostrando sua fragilidade e, assim, desfazendo a identidade entre ser, pensar e dizer revelada pela deusa do Poema. Enquanto que para Parmênides a defesa da verdade pressupõe que o caminho da investigação seja fundamentado por tal identidade, para Górgias, a verdade é suposta como uma prerrogativa do discurso; mais precisamente, tal como consta no §1 de seu *Elogio de Helena*,⁵ a verdade é uma espécie de produto da boa ordem do λόγος. O que seria essa boa ordem, contudo, é algo que pode ser melhor inferido a partir do exame das teses de seu Tratado do não-ser, no qual ele inverte as teses apresentadas no poema de Parmênides.

Diferentemente do estilo poético adotado por Parmênides, Górgias emprega um estilo expositivo próprio aos tratados,⁶ produzindo uma crítica capciosa ao projeto onto-epistemológico do eleatismo. Isto porque refuta seu pressuposto básico, a saber: a identidade entre ser, pensar e dizer. Mais precisamente, interpretando ‘o que é’ (τὸ εἶναι) em sua acepção existencial, afirma: 1) que nada é (Οὐκ εἶναί φησιν οὐδέν); 2) que se fosse não poderia ser conhecido (’εἰ δ’ ἔστιν, ἄγνωστον εἶναι); 3) que se pudesse ser conhecido não poderia ser

³ Em *A lógica do ser de Parmênides: entre a poesia e a filosofia* (no prelo), empreendemos um exame acerca da identidade entre ser, pensar e dizer adotada por Parmênides, em consonância com a tradição poética - atestada, inclusive, no emprego da métrica de Homero e Hesíodo. No referido artigo, pretendemos mostrar que Parmênides, valendo-se do estilo poético da tradição arcaica, lança as bases da argumentação filosófica, inaugurando os princípios da lógica. O presente artigo, por sua vez, dá continuidade a essa reflexão, à medida que identifica o Tratado do Não-ser de Górgias como uma provocação ao projeto de Parmênides. Ou seja, tenta mostrar que Górgias inverte a lógica do eleata e leva sua argumentação de volta à tradição poética, segundo a qual o ser humano é fadado à trágica condição da impossibilidade de conhecer.

⁴ As citações do *Tratado do Não-Ser* são retiradas da tradução de Rodrigo Pinto de Britto e Rafael Huguenin da paráfrase de Sexto Empírico, cap. VII, *Contra os Mestres da Escola*, bem como da tradução de Aldo Lopes Dinucci da paráfrase de pseudo-Aristóteles contida no texto clássico *Sobre Melisso, Xenófanes e Górgias: M.X.G.* Utilizaremos as duas paráfrases no decorrer do texto. Para uma crítica aos fundamentos lógicos da paráfrase de Sexto, que podem ser enganadores, cf. CASTON, 2002, p. 219-224. As críticas são justas, visto que há pontos obscuros nela que podem ser complementadas e corrigidas pela do pseudo-Aristóteles, que é superior à de Sexto em acuidade na exposição dos argumentos gorgianos, apesar de ser mais precária (cf. LOPES, D. 2006, p. 31, n. 35).

⁵ GÓRGIAS. *Elogio de Helena*. Trad. de Daniela Paulinelli. Belo Horizonte: Anágnosis, 2009.

⁶ Cf. UNTERSTEINER, M. *A obra dos sofistas: uma leitura filosófica*. Tradução de Renato Ambrósio. São Paulo, Paulus, 2012, p.224. O gênero “Tratado” remonta aos primeiros pensadores milesianos, como Anaximandro, a quem é atribuída a autoria do primeiro livro intitulado *Peri Physeos*, um tratado de geografia astronômica e terrestre, no qual teria sido também abordada a origem do universo e do homem. Cf. CASERTANO, G. *I Presocratici*. Roma, Carocci Editore, 2009, p. 45. Ver também Heidel, W.A. *O livro de Anaximandro: o mais antigo tratado geográfico conhecido*. Tradução, Apresentação e Apêndices de Katsuko Koike. Mogi Mirim - SP, IXTLAN, 2011, 116p. Zenão e Melisso também teriam escrito tratados defendendo as teses de Parmênides (Cf. CASERTANO, G. op. cit., p. 93 e segs.).

comunicado (γνωστόν, ἀλλ' οὐ δηλωτόν ἄλλοις. καὶ ὅτι μὲν οὐκ ἔστι, συνθεῖς τὰ ἑτέροις).

Com isso, rompe a identidade entre φύσις e λόγος como se visse nela uma espécie de erro lógico-ontológico, a saber: a presunção de que o λόγος e o νόημα têm poder de presença e, conseqüentemente de existência. Assim, Górgias critica a tese segundo a qual se pensamos e dizemos algo, logo esse algo é (existe). O caráter capcioso da crítica residiria justamente em interpretar 'o que é' de Parmênides não em sua aceção existencial-conceitual - tal como já se entrevia no pitagorismo, para o qual a φύσις corresponde ao número -,⁷ mas em uma aceção existencial empírica (ou seja, como algo que se dá no plano das sensações).⁸

Uma vez mostrando que: 1) pensamos e dizemos coisas que não existem, como as figuras míticas de Cila e Quimera;⁹ 2) o λόγος é expressão, em palavras, do 'que é', mas não o mesmo que ele; 3) não sendo o mesmo que 'o que é', o λόγος é 'o que não-é' (τό μὴ ἔόν). Daí advém a aporia de que 'o que não-é' (ο λόγος) é. Ao conduzir as teses do eleatismo a aporias, Górgias conclui que o λόγος é incapaz de acessar e, conseqüentemente, compreender/comunicar 'o que é'. Todavia, se por um lado afasta-se do estilo poético de Homero e Hesíodo,¹⁰ por outro lado o leontino se mantém fiel à tradição poética segundo a qual aos mortais não é dado conhecer.¹¹

Na visão de Untersteiner, Górgias fixa o caráter trágico da atividade epistêmica humana. Segundo o comentador, a conclusão a que chega Górgias em seu *Tratado do Não-ser* "só poderia ser levada a cabo em um grito doloroso pela dolorosa descoberta: *a ontologia e a gnosilogia são trágicas.*"¹²

2. O Tratado lógico (trágico) de Górgias

Na presente seção, exporemos as teses apresentadas no tratado Περὶ τοῦ μὴ ὄντος

⁷ Acerca do salto conceitual promovido pelos pitagóricos (em relação aos milesianos), concernente à concepção do número (uma entidade abstrata) como constituinte essencial da realidade, cf. McKIRAHAN, R. D. (2010, p. 91 e segs).

⁸ CF. MONTENEGRO, M. A. P. (2018) Górgias e o despertar do sono eleático de Platão. in. Haddad, A (et al.) *Poder, Persuasão e Produção de Verdades: a ação dos sofistas*. Rio de Janeiro, Nau Editora, 2018, p. 111-138).

⁹ *Contra os Mestres da Escola*, VII, §81.

¹⁰ A saber, o hexâmetro dactílico - uma forma de métrica poética ou esquema rítmico. O termo dactílico faz alusão a um dedo: a primeira falange é longa e as duas seguintes breves, analogamente à sequência de sílabas longas e breves no verso. Através do ritmo produzido por essa sequência é que se transmitiam a ênfase e as emoções que os versos deveriam suscitar na audiência.

¹¹ Cf. RAGUSA, G. Da condição humana: o tema na poesia grega arcaica. in. *Aletria*. Belo Horizonte, v. 32, n. 1, p. 12-34, 2022, p.14.

¹² UNTERSTEINER, M. 2012., p.221.

ή Περί Φύσεως de Górgias,¹³ que podem ser resumidas nas seguintes formulações: 1) que “nada é” e 2) que o discurso humano não é capaz de apreender, conhecer e comunicar aos outros ‘o que é’. A crítica gorgiana conduz à inversão das teses parmenídias, tal que ‘o que não é’ passa a ser e ‘o que é’ passa a não ser. Com isto, ele vislumbra que a opinião dos mortais, desqualificada pela deusa de Parmênides, deve ser apreciada na sua condição de produtora do λόγος. Desse modo, não deve ser simplesmente afastada, mas examinada em suas ambiguidades intrínsecas.¹⁴

2.1. As teses do Tratado

O *Tratado do Não-Ser* (ou *Sobre a Natureza*),¹⁵ inicia com as seguintes postulações: “[Górgias] diz que nenhuma coisa é: se é, é incognoscível: se tanto é quanto [é] cognoscível, não é, no entanto, [comunicável] a outros”.¹⁶ As três teses do tratado de Górgias promovem, conforme já mencionado, uma espécie de inversão das teses apresentadas no poema de Parmênides, o que mostra a sua clara alusão crítica às postulações do eleata.¹⁷ Entretanto, Górgias não pretenderia propriamente descartar o eleatismo, mesmo porque se vale da técnica da refutação característica dessa escola de pensamento; antes, visaria mostrar os limites do conhecimento por meio da linguagem, preconizado pelo eleatismo. Mais precisamente, Górgias atentaria para a impossibilidade de se asseverar a veracidade ou falsidade de um dado discurso a partir de fundamentos que extrapolem à própria linguagem; ou seja, que apelem para a identidade φύσις-λόγος. Ao substituir a tese eleata segundo a qual ‘o que é’ é por ‘nada’ é, Górgias não estaria afirmando que nada existe, mas tentando mostrar que simplesmente dizer que algo é não garante que esse algo de fato exista. Dessa primeira tese decorrerão as demais: 2) se ‘o que é’ é, não pode ser conhecido; 3) se ‘o que é’ é e pode ser conhecido, não pode ser comunicado.¹⁸

Examinemos a tese capital de Górgias: que “nada é”, em oposição à tese capital de Parmênides: que ‘o que é’ é e não pode não ser. Segundo o leontinense, tudo que o λόγος

¹³ Ver nota 13, abaixo.

¹⁴ “A *physis*, vista em seu aspecto de antítese, anulava a própria possibilidade de ser substância em virtude do sentido que, com mais frequência, podia assumir para se manifestar como impossibilidade do ser, do conhecer e da comunicação do conhecimento” (UNTERSTEINER, M., op. cit., p.223),

¹⁵ Ver nota 4, acima.

¹⁶ οὐκ εἶναί φησιν οὐδέν· εἰ δ' ἔστιν, ἄγνωστον εἶναι· εἰ δὲ καὶ ἔστι καὶ γνωστόν, ἀλλ' οὐ δηλωτὸν ἄλλοις (M.X.G. 979a 5-10).

¹⁷ Cf. DK 28 B2 7-8; B3; B6 1; B8 34-38.

¹⁸ Cf. LOPES, D. 2006, p. 35-36; SCHIAPPA, 1997, p. 23.

é capaz de fornecer é um conhecimento de segunda mão, que é conceitual e inferencial, sendo o de primeira ordem o que decorre das sensações, não conceitual e não inferencial.¹⁹ Ao pautar o λόγος no ‘que é’ (φύσις), Parmênides imediatamente introduz o pensamento (νοῆσαι) na identidade por ele pressuposta entre φύσις e λόγος, afastando-o das sensações. A afirmação gorgiana de que ‘nada é’ implica, ao contrário, que o pensamento é impossibilitado de apreender a φύσις; isto é, em Górgias, a φύσις, em sua ambiguidade intrínseca, não pode constituir qualquer tipo de essência a ser captada pelo pensamento, sendo, portanto, apreendida pelas sensações. Estas, em sua condição oscilante, fluida e particular, não podem servir como fundamento a um projeto como o do eleatismo. Portanto, o λόγος não pode, para Górgias, representar coisa nenhuma, por pelo menos duas razões: 1) porque o percebido não corresponde ao dito; 2) porque jamais saberemos ao certo se todos têm exatamente as mesmas sensações, de modo que o uso comum de uma palavra não garante que ela identifique a mesma sensação em pessoas diferentes.

Górgias inverte, portanto, a tese parmenídea segundo a qual pensar ‘o que não é’ é impossível ou uma contradição. Para Górgias, a relação ser e pensar pode ser admitida apenas enquanto um fato acrítico e imediato. Tal relação desmorona perante o reconhecimento de uma realidade ‘factual’, que independe do pensamento. Por conseguinte, ‘o que não é’ é pensável e, enquanto tal, é. Isto porque é plenamente possível pensar em algo que não existe, como a Medusa ou o Pégaso. A crítica de Górgias diz respeito ao que pode ser pensado: “[...] é necessário que todas as coisas pensadas sejam, e ‘o que não é’, já que não é, não pode ser pensado. No entanto, sendo assim, ninguém diria nada falso, diz [Górgias], nem mesmo se diz que carros de guerra combatem no mar”.²⁰

A seguir, Górgias afirma que ‘o que é’ (entenda-se ‘o que é’ tal como é suposto por Parmênides) não é; ou melhor, não existe. Isto porque, para Parmênides, ‘o que é’ é ingerado, imperecível e imutável - o que, segundo se pode depreender das formulações de Górgias, não corresponde a nada que existe, já que para ele o que existe é o que pode ser apreendido pelos sentidos.

Com sua primeira tese, Górgias ressalta que ‘o que é’ pode ser pensado como ‘nada sendo’, o que remete a um aparente (e equivocado) niilismo explícito,²¹ bem como a

¹⁹ Cf. DI IULIO, 2023, p. 7.

²⁰ ἅπαντα δεῖν γὰρ τὰ φρονούμενα εἶναι, καὶ τὸ μὴ ἔστι, μηδὲ προνεῖσθαι. εἰ δ’ οὕτως, οὐδὲν ἂν ταύτῃ εἴποι ψεῦδος οὐδεὶς, φησὶν, οὐδ’ εἰ ἐν τῷ πελάγει γαίη ἀμιλλᾶσθαι ἄρματα (M.X.G. 980a 9-13).

²¹ Cf. COLLI, 1992, p. 83.

um suposto relativismo²² que denunciaria como ‘o que é’ parmenídeo pode não ser.

Schiappa²³ esclarece que atribuir um niilismo ao Leontinense é um equívoco, uma vez que não se trata de assumir niilismos, tais como ‘nada existe absolutamente’ ou ‘coisas em si não existem significativamente’. Trata-se, antes, de mostrar que o λόγος não é capaz de apreender a φύσις. Isto é suficiente para rejeitar a tese segundo a qual Górgias é um niilista radical.²⁴

Woodruff,²⁵ na mesma direção, afirma que a tese central de Górgias não o torna um cético, porque se afasta de todas as crenças; nem um relativista, porque as suas afirmações são globais e negativas (por exemplo, quando afirma que ‘o que é’ é incognoscível a todos); nem um extremista, porque admite que algumas posições sejam verdadeiras e outras falsas, em meio a uma discussão e na medida em que se refuta alguém. O critério de verdade, ao invés de depender da identidade entre φύσις e λόγος, dependerá, conforme se pode evidenciar no *Elogio de Helena* e na *Defesa de Palamedes*,²⁶ de dois aspectos interdependentes: 1) de critérios internos ao próprio λόγος; ou seja, da boa ordem de sua composição e, conseqüentemente, de sua capacidade para persuadir (πειθώ); 2) do poder do καιρός, ou momento oportuno. Neste caso, a força das circunstâncias pode direcionar orador e audiência, respectivamente, a recursos discursivos e a decisões que, apesar de não serem os mais esperados em condições usuais, são, no entanto, o melhor para uma dada situação específica. Górgias, nesse sentido, refuta a identidade entre φύσις e λόγος do eleatismo como critério de verdade, para assumir uma visão que, segundo Untersteiner,²⁷ associa-se à tradição trágica.

Retomando o *Tratado*: como imediata consequência do que resultou das duas primeiras teses expostas, Górgias visa refutar a tese parmenídea de que ‘o que é é’, à luz da argumentação acerca do ‘um’ ou dos ‘muitos’.²⁸ Primeiro, ele contesta que ‘o que é’ seja um: “pois se é uno, ou é quantidade ou é contínuo, ou é grandeza, ou é corpo. Mas, em

²² Sobre o relativismo gorgiano, não se sabe até hoje em que medida ou grau ele poderia ser admitido. Para um pequeno apanhado das interpretações variadas dele ao longo do século passado, cf. CASTON, 2002, p. 205-206, n. 2.

²³ Cf. SCHIAPPA, 1997, p. 23-24.

²⁴ O equívoco em considerar Górgias um niilista é baseado em que ele não era um pensador a destacar o ser como vê-se em Parmênides, mas a evidenciar, dialeticamente, nos âmbitos lógico e linguístico, a relação do ser com o pensamento (cf. MONTONERI, 1985, p. 291-292). Para um pequeno apanhado das interpretações do niilismo gorgiano ao longo dos últimos dois séculos, cf. CASTON, 2002, p. 205, n. 1.

²⁵ WOODRUFF, 1999, p. 305.

²⁶ CAVALCANTE, G. “Górgias. Defesa de Palamedes”, in: *Archai*, n.º 17, may - aug., 2016, p. 201-218.

²⁷ Cf. UNTERSTEINER, 2008, p. 215-258.

²⁸ O ‘um’ não estava explícito em Parmênides. Em seu poema, as duas referências ao ‘um’ são as seguintes: 1. “um que é, que não é para não ser” (DK 28 B2, 3); 2. “não foi nem será, pois é agora um todo homogêneo, uno, contínuo” (DK 28 B8, 5-6). Na primeira referência, a polissemia do “um” está atrelado ao ser como via defendida para ser investigada; na segunda, o “um” está atrelado ao todo homogêneo.

qualquer um destes casos, não é uno, pois se for quantidade, se dividirá; e, por outro lado, sendo contínuo, se separará [...]”.²⁹ Supondo que Parmênides concebia ‘o que é’ como sendo ‘um’ num sentido ontoepistemológico, Górgias, no entanto, atrela-o ao âmbito empírico. Na mesma esteira, ele contesta que ‘o que é’ seja ‘muitos’: “Pois se não é uno, tampouco é múltiplo; pois o múltiplo é composto a partir de unidades, por isso, eliminado o uno, juntamente elimina-se o múltiplo”.³⁰ Em ‘um’ e ‘muitos’ (ou múltiplos) Górgias parece implicar a mesma coisa: a realidade empírica que, como tal – esse é o pressuposto norteador de sua refutação -, não se conforma à apreensibilidade por meio do λόγος.

2.2. Górgias e o enfoque na interrelação entre δόξα e πράγμα

Até aqui, Górgias defendeu que ‘o que é’ e ‘o que não é’ são inapreensíveis pelo λόγος; em outras palavras, a sua argumentação se volta à prova da impotência do λόγος em conceber qualquer coisa a respeito da realidade (para Górgias, o âmbito dos acontecimentos), divergindo assim dos antecessores que conceberam tal possibilidade.³¹ Como etapa final e principal do seu desmonte das teses capitais do eleatismo, Górgias propõe a hipótese de que, da relação entre o que ele concebe como φύσις e λόγος, fatalmente deriva a incognoscibilidade e a incomunicabilidade humanas como consequências incontrovertidas de sua tese central: que nada existe. Untersteiner³² ressalta que a incognoscibilidade do ‘que é’ postulada por Górgias tanto abrange as percepções, como a atividade intelectual, advindas de todo tipo de ‘experiências’ (τα πράγματα).³³ Os πράγματα, portanto, não podem ser objeto da cognoscibilidade, haja vista que, até aqui, a tese gorgiana implica tão somente a hipótese relativa a ‘o que é’ ser consonante à φύσις, tal como chega ao ser humano (seja captando-a, seja pensando-a). Em outros termos, em sua ambiguidade intrínseca, a φύσις não pode ter uma essência unívoca, donde a impossibilidade de um projeto como o de Parmênides.

170

²⁹ Εἰ γὰρ ἓν ἐστίν, ἤτοι ποσὸν ἐστίν ἢ συνεχές ἐστίν ἢ μέγεθος ἐστίν ἢ σῶμά ἐστιν. Ὅ τι δὲ ἂν ἦι τούτων, οὐχ ἓν ἐστίν, ἀλλὰ ποσὸν μὲν καθεστὼς διαιρεθήσεται, συνεχές δὲ ὄν τμηθήσεται (*Contra os Mestres da Escola*, VII, §73).

³⁰ Εἰ γὰρ μὴ ἐστίν ἓν, οὐδὲ πολλά ἐστίν· σύνθεσις γὰρ τῶν καθ’ ἓν ἐστὶ τὰ πολλά, διόπερ τοῦ ἐνὸς ἀναιρουμένου συναναιρεῖται καὶ τὰ πολλά (*Contra os Mestres da Escola*, VII, §74).

³¹ Como, por exemplo, Anaximandro, para quem a fonte primária de todas as coisas é o ἄπειρον ou o indeterminado; ou seja, algo que só pode ser pensado e não experimentado. Cf. McKhiraan, R. *The Philosophy before Socrates*, 2010, pp. 32-47.

³² Cf. UNTERSTEINER, 2008, p. 238.

³³ Ou ‘coisas externas’: extensivamente, πράγματα se refere a todas as coisas com as quais o ser humano se depara em sua experiência sensível. Para Untersteiner, essas ‘experiências’ são o objeto de crítica de Górgias ao fundar a sua hipótese, críticas que se dividem em três categorias: 1) doutrinas pré-socráticas (todas as que não percebem a ambivalência do λόγος); 2) as criações poéticas (outra esfera em que a ambivalência do λόγος fica clara); 3) percepções sensíveis (manifestadas, sobretudo, no pensamento que as interpreta) (cf. UNTERSTEINER, 2008, p. 241-245).

Górgias passa então a provar a incognoscibilidade das coisas sensíveis: “pois não é porque alguém pensa em um homem voando ou em carros correndo no mar que imediatamente o homem voa ou os carros correm no mar. Assim, as coisas pensadas não são seres”.³⁴ Para Górgias, o pensamento considera as coisas como sendo, apenas na medida em que são sentidas, seja pela visão, audição ou qualquer outro sentido; se elas são pensadas, existem tão somente como crença (δόξα) em que elas existem, jamais como um conhecimento das mesmas - ao se falar da Medusa, por exemplo, não aparece um monstro com cobras no cabelo.

Por conseguinte, a crítica de Górgias a Parmênides confronta as teses lógico-ontológicas do eleatismo situando-as no âmbito do empírico. Tal deslocamento poderia parecer injusto com o que é afirmado por Parmênides; no entanto, revela um debate (ainda atual) entre duas concepções distintas acerca da realidade (φύσις) e de suas formas de apreensão pela condição humana (νοῆσαι e λόγος): enquanto Parmênides defende a possibilidade do conhecimento pressupondo uma identidade entre φύσις e λόγος, Górgias denuncia a impossibilidade de tal projeto atentando para a fratura entre esses dois registros. Untersteiner interpreta tal fratura do seguinte modo: “apesar da anulação de toda experiência possível, isto é, dos πράγματα, que parecem abarcar tanto a Αλήθεια, a Verdade, como a Δόξα, a Opinião parmenidiana, a gnosiología não se anula”.³⁵ Note-se, portanto, que a hipótese de Górgias não tem o intento de destruir a gnosiologia; antes, pretende apenas, digamos assim, moderar a ambição do projeto eleata, tornando a δόξα um aspecto inalienável da gnosiologia.³⁶

A argumentação em prol dessa incognoscibilidade apontada por Górgias é curta e logo recai na incomunicabilidade. As coisas sensíveis (τα πράγματα) são incognoscíveis porque o λόγος – único meio de apreendê-las - é uma espécie de tradução, em palavras, das coisas e não as próprias coisas: “[...] e, não sendo palavra, não se evidenciaria a outrem. Além disso, diz ele, a palavra se constitui a partir das coisas que chegam a nós desde fora, ou seja, das coisas perceptíveis [...]”.³⁷ O λόγος se constitui e se alinha aos πράγματα na medida em que tudo aquilo que é captado por meio do corpo se torna matéria discursiva - isto é, aquilo que é relativo à δόξα; portanto, enquanto τα πράγματα, é incomunicável. O que se pode comunicar já é (e sempre será) δόξα.

Segundo Casertano,³⁸ aquilo que constitui o discurso é sempre diferente da

³⁴ Οὐδὲ γὰρ ἂν φρονῆι τις ἄνθρωπον ἰπάμενον ἢ ἄρματα ἐν πελάγει τρέχοντα, εὐθέως ἄνθρωπος ἵπταται ἢ ἄρματα ἐν πελάγει τρέχει. Ὡστε οὐ τὰ φρονούμενά ἐστιν ὄντα (*Contra os Mestres da Escola*, VII, §79).

³⁵ UNTERSTEINER, 2008, p. 254.

³⁶ Não é à toa que Platão, no *Teeteto*, não consegue tirar da definição de conhecimento a noção de δόξα.

³⁷ μὴ ὄν δὲ λόγος οὐκ ἂν δηλωθεῖ ἑτέρῳι. Ὅ γε μὴν λόγος, ἀπὸ τῶν ἐξωθεν προσπιπόντων ἡμῖν πραγμάτων συνίσταται, τοῦτέστι τῶν αἰσθητῶν, (*Contra os Mestres da Escola*, VII, §85).

³⁸ Cf. CASERTANO, 1995, p. 11-12.

realidade por ele referida, sendo o próprio discurso que confere sentido às coisas externas (τα πράγματα) ao ser humano;³⁹ de acordo com o comentador, o discurso não faz as coisas serem, mas as faz ‘serem para nós, humanos’, seja isso ação ou sofrimento (πάθος).

Górgias desmonta novamente a tese eleata: o λόγος é produzido a partir do πράγμα; melhor dizendo, a partir do modo como o πράγμα nos afeta. Assim, necessariamente remete à δόξα, cuja característica é a mutabilidade. Conseqüentemente, a δόξα suposta por Górgias não corresponde ao pensamento concebido por Parmênides.

Górgias contesta e nega, definitivamente, a comunicabilidade do ‘que é’:

Mas, mesmo se é apreendido, será inexprimível para outro. Pois se os seres são visíveis, audíveis e comumente perceptíveis, subsistindo externamente, e os visíveis são apreendidos pela visão, os audíveis, pela audição, e não o contrário, como então podem ser comunicados ao outro? Pois isso por meio do qual informamos é palavra, mas a palavra não é as coisas que subsistem e nem os seres [...].⁴⁰

A captação da realidade (φύσις) é, para Górgias, única:⁴¹ não há como comunicar a outrem o que se percebeu, não só porque isto sempre e constantemente está em mudança, mas, sobretudo, porque a percepção é, por assim dizer, algo privado. Ou seja, não há como garantir que o que é percebido por um seja exatamente o mesmo que é percebido por outrem. O λόγος, nesse caso, funciona como uma descrição do que é percebido, não sendo a própria percepção e, segundo Mourelatos,⁴² não pode tornar-se a realidade quando esse λόγος é transmitido a outra pessoa. Assim, visto que ‘a palavra não é nem aquilo que está à vista nem ‘o que é’, a palavra, o λόγος, novamente, é impotente para captar tal mudança e, por consequência, comunicá-la a outrem.

A argumentação gorgiana impõe-se, fundamentalmente, como reveladora da fragilidade do λόγος em dizer tanto ‘o que é’, quanto o que é percebido. Como bem argumenta Di Iulio,⁴³ Górgias não intenta minar a consistência do ‘que é’ e do ‘que não é’ eleáticos: ele se preocupa com o estatuto ontológico das coisas, enquanto podem ser ditas - isto é, como a realidade é apresentada pela linguagem. Assim, segundo Casertano,⁴⁴ sendo

³⁹ Assumiremos que τα πράγματα se referem ao âmbito das coisas que subsistem (cf. *M.X.G.* 980a 19), não a um ser abstrato, apreensível pelo exercício do pensamento (a respeito dessa distinção, cf. MANSFELD, 1985, p. 248).

⁴⁰ Καί ει καταλαμβάνοιτο δέ, ανέξοιστον έτέρωι. Εί γάρ τὰ όντα όρατά έστι και άκουστά και κοινώς αισθητά, άπερ εκτός ύπόκειται, τούτων τε τὰ μέν όρατά όράσει καταληπτά έστι τὰ δέ άκουστά άκοήι και ούκ έναλλάξ, πώς ούν δύναται ταύτα έτέρωι μηνύεσθαι; όι γάρ μηνύομεν, έστι λόγος, λόγος δέ ούκ έστι τὰ ύποκείμενα και όντα *Contra os Mestres da Escola*, VII, §§83-84.

⁴¹ Embora ‘o que é visto’ possa significar algo acessado apenas visualmente ou por meio de vários sentidos (cf. CASTON, 2002, p. 228-229).

⁴² Cf. MOURELATOS, 1987, p. 138.

⁴³ DI IULIO, 2023, p. 14.

⁴⁴ CASERTANO, 1995, p. 5-6.

as palavras a única coisa que o ser humano ‘possui’, resta a ele qualificar a realidade como é a ele mais simpático e lógico; isto é, sem neutralidade, admitindo, necessariamente, que o discurso afirma ‘o que é’ de algo apenas na medida em que o qualifica. Górgias, portanto, não refuta ‘o que é’ do eleatismo, mas a possibilidade de alçá-lo por meio do λόγος. Em outras palavras, o problema não residiria na realidade, mas na fragilidade da linguagem em dizê-la.

Górgias aponta, portanto, para um abismo intransponível entre os termos supostos pelo eleatismo como sendo o mesmo: ‘o que é’, pensar e dizer; o λόγος não coincide com os πράγματα (coisas que subsistem), tampouco com nenhuma percepção sensível deles. Conforme já aludido, apenas fornece uma espécie de tradução, em palavras, das afecções produzidas em nós pelos πράγματα.⁴⁵ Tal abismo pode ser interpretado como uma aporia propriamente gorgiana. O λόγος não pode garantir qualquer conhecimento por seu intermédio, de modo a nos colocar no campo da imprecisão e, mais dramaticamente, no campo das aporias, como é o caso de Palamedes:⁴⁶ uma vez que não dispõe de nenhum recurso, além da palavra,⁴⁷ capaz de desmentir as acusações de Odisseu, Palamedes, mesmo sendo inocente, não consegue, por meio dela, evitar sua condenação à morte.

Na paráfrase do *Tratado* apresentada por Sexto Empírico, lemos: “[...] pois o que é visível é apreendido por um órgão e a palavra por outro. Então, a palavra não indica as demais coisas subsistentes, assim como estas não evidenciam a natureza delas”.⁴⁸ A identidade entre λόγος e ‘o que é’ (entendido como πράγμα) é, para Górgias, mais o fruto de uma confusão a partir da qual ele critica severamente o eleatismo. Ele ressalta que o λόγος (impotente) não propicia às coisas ‘serem’, mas faz com que elas ‘sejam para nós, sem com isto defender o ‘relativismo’. Antes, propicia apenas o πράγμα humano; este sim, será sempre determinado pelo λόγος, resultando na contínua mudança da δόξα.

Conclusão

⁴⁵ O que Górgias entende como τὰ πράγματα e o que Parmênides propõe como τὸ εὖν não são o mesmo; aí reside toda a diferença de concepção que ambos têm a respeito do ser. Desse modo, a refutação de Górgias ao eleatismo vale-se da sua própria concepção do ser e não da de Parmênides.

⁴⁶ A aporia no caso de Palamedes é a fragilidade de ambos os λόγοι: tanto o de sua defesa, quanto o da acusação. Isto porque não há testemunhas que comprovem um ou outro λόγος.

⁴⁷ O tradutor opta por traduzir λόγος por ‘palavra’ (cf. DINUCCI, 2017, p. 97-98, n. 77).

⁴⁸ δι’ ἐτέρου γὰρ ὄργανου ληπτὸν ἐστὶ τὸ ὄρατὸν καὶ δι’ ἄλλου ὁ λόγος. Οὐκ ἄρα ἐνδείκνυται τὰ πολλὰ τῶν ὑποκειμένων ὁ λόγος, ὥσπερ οὐδὲ ἐκεῖνα τὴν ἀλλήλων διαδηλοῖ φύσιν (*Contra os Mestres da Escola*, VII, §86).

Górgias, diretamente refutando a filosofia parmenídea e indiretamente a dos seus defensores e seguidores, concebe um λόγος que não guarda nenhum respeito a ‘o que é’ parmenídeo, substituindo esse fundamento pela ausência dele; isto é, pela indeterminação de ‘o que é’. A força, por assim dizer, do λόγος gorgiano está em poder falar de qualquer coisa ‘externa’ a ele, sem estar circunscrito ao critério de verdade proposto pelo eleatismo; embora não possa apreender, conhecer e comunicar ‘o que é’ e ‘o que não é’, a importância do λόγος está em, mesmo ambigualmente, dizer tudo aquilo que determinam, a todo instante, os πράγματα.

Em suma, Górgias não está simplesmente ridicularizando Parmênides. Antes, ele entende como sendo errônea a identidade, pressuposta pelo eleata, entre ‘o que é’, pensar e dizer. Para demonstrar tal erro lógico, leva os argumentos do eleatismo às últimas consequências, fazendo-os cair em aporia.

Em uma palavra, Parmênides poderia ser pensado como um otimista do ponto de vista ontoepistemológico, já que pressupõe a possibilidade de se chegar a ‘o que é’ mediante a investigação argumentativa.⁴⁹ Górgias, por sua vez, seria, como sugere Untersteiner,⁵⁰ um herdeiro do pensamento trágico. Ou ainda: Parmênides parte de uma linguagem poética para pautar as regras da linguagem filosófica adotadas pela posteridade, mediante as revisões de Platão e Aristóteles; mantém, todavia, a identidade, advinda da tradição poética, entre φύσις e λόγος. Górgias, numa inversão de percurso, parte de uma reflexão lógico-filosófica para retomar uma postura poética: a visão trágica, na qual subjaz a constatação de que aos mortais não é dado o poder sobre os acontecimentos;⁵¹ tal poder é restrito aos deuses, pois eles tudo sabem, estando, conseqüentemente, sempre certos. Ao apontar a fratura intransponível entre φύσις e λόγος, encerra-nos em uma incômoda impotência para conhecer ‘o que é’ e, conseqüentemente, o devir, já que estamos limitados pela mutabilidade da δόξα, e nesse sentido, fadados ao πάθος.

Referências

CASERTANO, G. *L’ambigua Realtà del Discorso nel ‘Peri tou me ontos di Gorgia’* (com um aceno all’Elena). In: *Philosophica* 5, 1995, p. 3-18.

CASERTANO, G. *Os Pré-Socráticos*. Tradução de Maria G. Gomes de Pina. São Paulo: Loyola, 2011.

⁴⁹ Cf. nota 3, acima.

⁵⁰ Cf. nota 11, acima.

⁵¹ Vide os argumentos elencados no *Elogio de Helena*.

CASTON, V. **Gorgias on Thought and its Objects**. In: *Presocratic Philosophy: Essays in honour of Alexander Mourelatos*, edited by V. Caston and D. W. Graham (eds.). Aldershot, Hampshire: Ashgate, 2002, p. 205–232.

COLLI, G. **O Nascimento da Filosofia**. Tradução de Frederico Carotti. São Paulo: Campinas, Editora da UNICAMP, 1992.

CORDERO, N. **Sendo, Se É: A Tese de Parmênides**. Tradução de Eduardo Wolf. São Paulo: Odysseus, 2011.

DINUCCI, A. **Análise das Três Teses do Tratado do Não-Ser de Górgias de Leontinos**. In: *O Que nos Faz Pensar* (PUC-RJ), v. 24, 2008, p. 5-22.

DINUCCI, A. **Górgias de Leontinos**. 1ª edição. São Paulo: Oficina do Livro, 2017.

DI IULIO, E. **Gorgias's Thought: An Epistemological Reading**. New York: Routledge, 2023.

LOPES, D. R. N. **Parmênides vs. Górgias: Uma Polêmica Sobre a Linguagem**. In: *Phaos*, 2006, p. 21-50.

MANSFELD, J. **Historical and Philosophical Aspects of Gorgias' On What is Not**. In: *Convegno Internazionale su Gorgia e La Sofistica*, a cura di Luciano Montoneri e Francesco Romano, 1985, p. 243-271.

MCKIRAHAN, R. D. **Philosophy Before Socrates: An Introduction with Texts and Commentary**. 2. ed. Indianapolis: Hackett, 2010.

MONTONERI, L. **La Dialettica Gorgiana nel Trattato ΠΕΡΙ ΤΟΥ ΜΗ ΟΝΤΟΣ**. In: *Convegno Internazionale su Gorgia e La Sofistica*, a cura di Luciano Montoneri e Francesco Romano, 1985, p. 283-297.

MOURELATOS, A. P. D. **Gorgias on the Function of Language**. In: *Philosophical Topics* 15, 1987, p. 135–70.

PARMÊNIDES. **Da natureza**. José Trindade Santos. Edições Loyola; São Paulo, 2002.

SCHIAPPA, E. **Interpreting Gorgias' 'Being' in 'On Not-Being or On Nature'**. In: *Philosophy & Rhetoric* 30, 1997, p. 13-30.

UNTERSTEINER, M. **A Obra dos Sofistas: Uma Interpretação Filosófica**. Tradução de Renato Ambrósio. São Paulo: Paulus, 2008.

WOODRUFF, P. **Rhetoric and Relativism: Protagoras and Gorgias**. In: *The Cambridge Companion to Early Greek Philosophy*, edited by LONG, A. A. Cambridge, Cambridge University Press, 1999, p. 290-310.